



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CAMPUS IV
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE ANTROPOLOGIA**

CLAUDIONOR SILVA DE ARAÚJO

**ETNOGRAFIA COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE FAZEM FRETE COM
CARRO DE MÃO NA FEIRA-LIVRE DE RIO TINTO**

RIO TINTO - PB

2019

CLAUDIONOR SILVA DE ARAUJO

**ETNOGRAFIA COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE FAZEM FRETE COM
CARRO DE MÃO NA FEIRA-LIVRE DE RIO TINTO**

Monografia apresentada ao curso de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em cumprimento à exigência para obtenção de grau de bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. João Martinho Braga de Mendonça.

**RIO TINTO - PB
2019**

N244d Araujo, Claudionorsilvade.

etnografia com crianças e adolescentes que fazem frete com carro de mão na feira livre de rio tinto/ Claudionor Silva de Araujo.

- Rio Tinto: [s.n.], 2019.

49 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. João Martinho de

Mendonça. Monografia (Graduação) -

CLAUDIONOR SILVA DE ARAUJO

**ETNOGRAFIA COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE FAZEM FRETE COM
CARRO DE MÃO NA FEIRA-LIVRE DE RIO TINTO**

Aprovada em 19 de maio de 2019.

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. João Martinho Braga de Mendonça – CCAE - UFPB
(Orientador)**

**Prof. Dr. Oswaldo Giovannini Júnior – CCAE - UFPB
(Examinador)**

**RIO TINTO - PB
2019**

À minha mãe, Marilene Silva de Araújo.

AGRADECIMENTOS

Durante esse processo de pesquisa, várias pessoas foram importantes, e por essa razão, AGRADEÇO:

Em especial à minha mãe, Marilene Silva de Araújo, que sempre me motivou a concluir o ensino superior e sempre me cobrou para que terminasse esta monografia.

Aos meus filhos, Charles e Thalyta, por sempre me darem força em meio a tantas atribuições que vieram a ocorrer nesse período de pesquisa.

À minha companheira, Nayara Santos, por sempre estar ao meu lado nos momentos difíceis, a qual sempre esteve me fortalecendo nos momentos em que pensava em desistir. Por essa razão, ela foi bastante importante em todo processo de confecção deste trabalho, porque por várias vezes me cobrava o motivo de não estar escrevendo, e por muitas vezes reclamava e insistia para que ficasse em casa durante o final de semana para evitar que caísse na farrá. Sou grato por sua determinação e seu propósito de ver seu marido formado.

Ao meu orientador, João Martinho de Mendonça, pela paciência, dedicação e confiança e por sempre estar ajudando no que era preciso para ficar firme em meu objetivo de conclusão, sempre buscando saber o andamento da pesquisa. Como professor da habilitação visual, me propôs uma ajuda bastante gratificante tanto na pesquisa quanto na produção do vídeo que compõe a minha monografia com os meninos da feira livre de Rio Tinto, PB.

Ao grupo de Pesquisa Guetu, em especial à professora Luciana e ao professor Marcos Aurélio, que me proporcionaram momentos maravilhosos dentro do grupo de pesquisa na Área da Antropologia Urbana. Não podendo esquecer de todos os alunos que fazem parte deste ótimo grupo. Agradeço por todo incentivo e dedicação.

Ao grupo de Pesquisa Avaedoc e, em especial, aos Professores João Mendonça e Oswaldo Giovannini, pelo ótimo trabalho que vem fazendo a frente deste grupo de pesquisa, que tanto ajudou em meu desenvolvimento na Habilitação Visual, assim como agradeço aos alunos que também compõem a equipe desse grupo.

Ao técnico do laboratório Arandu Glauco Machado, por conceder o espaço e ajudar sempre no que era preciso para o desenvolver na edição e montagem do filme que compõe esta pesquisa.

A todos os colegas que fizeram parte do curso de graduação em Antropologia, principalmente à minha turma 2012.1, pelo conhecimento compartilhado dentro e fora da sala de aula.

Aos meninos fretistas de carro de mão da feira-livre, especialmente a Marcelinho, que como meu informante, teve bastante paciência em todo período da pesquisa. Com certeza os laços de amizade criados nesse período irá durar para sempre.

Ao seu Edmilson, diretor da feira, que também contribuiu bastante com informações relacionadas aos meninos fretistas, contribuiu grandemente para minha pesquisa.

A Joselito, muito conhecido na feira como Ito do Sapato, por ter colaborado com informações relacionadas ao Mercado Público e aos meninos que carregam feira em carro de mão, trazendo uma valiosa história que enriqueceu minha pesquisa de campo.

Aos meus professores de Antropologia, Marco Aurélio, Alessa Souza, Estevão Palitot, Kelly Oliveira, Ruth Henrique, Pedro Guedes, enfim, a todos professores pelas importantes contribuições em meu aprendizado nos estudos antropológicos.

Ao secretário da coordenação de Antropologia, Thiago Aécio, por sempre ajudar quando solicitado, bem como ao novo secretário Marcelo Oliveira pelo apoio nesta última fase.

RESUMO

Esta monografia visa analisar a experiência de trabalho entre crianças e adolescentes na feira-livre do município de Rio Tinto, localizado na Paraíba, Brasil. O Mercado Público, localizado no centro do município, é um espaço cedido pela prefeitura para a realização da feira, que acontece todos os sábados. Existe uma grande quantidade de meninos que carregam feiras em carros de mão, que são chamados de fretistas pelos feirantes e fregueses. Esses grupos de meninos constituíram com foco principal desta pesquisa. Através da metodologia etnográfica, com observação participante, anotações em diário de campo, entrevistas com fretistas, mães dos fretistas, fregueses, feirantes e comerciantes locais, juntamente com o uso da câmera, foi possível buscar uma aproximação antropológica do tema. Nesse contexto, foi abordada a discussão sobre o que é trabalho infantil para os adultos, crianças e adolescentes, discussão que se revelou bastante complexa no entendimento de cada um dos atores sociais envolvidos, em face das legislações vigentes. O transporte de feira entre os meninos possibilita, além disso, inúmeros encontros e conversas entre grupos de fretistas e fregueses, os quais muitas vezes surgem pelos laços de familiaridade e/ou vizinhança da comunidade onde residem. Nesse ponto, a pesquisa revelou dinâmicas de sociabilidade que remetem a uma complexa rede na qual, além dos jovens, as famílias, comerciantes, fregueses, autoridades e instituições locais concorrem para a organização do trabalho desses jovens e para a resolução dos conflitos advindos de sua presença na feira. A pesquisa mostrou ainda a ambiguidade das situações vivenciadas por esses meninos durante suas estadias na feira, nos limites entre trabalho e lazer. O bom humor e as brincadeiras expressas nos seus comportamentos aparecem como um contraponto às condições do trabalho, no qual carregam pesos, muitas vezes sob um sol escaldante. Este trabalho de conclusão de curso procura, enfim, aproximar-se dos conhecimentos das áreas mais específicas de antropologia da criança, antropologia urbana e antropologia visual. Nesse sentido, a montagem de um vídeo etnográfico acompanhou a elaboração desta monografia, como parte correspondente a um dos capítulos.

Palavras chave: Antropologia da criança. Antropologia visual. Feira-livre. Trabalho infantil. Rio Tinto.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze the work experience between children and adolescents in the free trade fair of the county of Rio Tinto, located in Paraíba, Brazil. The Public Market, located in the center of the county, is a space given by the city hall to hold the fair, which takes place every Saturday. There are many kids who hold tradeshows at tradeshows, they are called fretarts by marketers and customers. These groups of boys were the main focus of this research. Through ethnographic methodology, with participant observation, notes in field journals, interviews with fretistas, mothers of fretistas, clients, local merchants and merchants, along with the use of the camera, it was possible to seek an anthropological approach to the theme. In this context, we discussed the discussion on child labor for adults, children and adolescents, a discussion that was very complex in the understanding of each of the social actors involved, given the legislation in force. Transporting the fair between the children also allows for numerous meetings and conversations between freight groups and customers, which often arise due to the familiarity and / or neighborhood of the bonds of the community where they reside. At that moment, the research revealed sociability dynamics that refer to a complex network in which, in addition to the young people, families, merchants, clients, authorities and local institutions contribute to the organization of the work of these young people and to the resolution of problems. the conflicts arising from his presence at the fair. The research also showed the ambiguity of the situations experienced by these boys during their stay at the fair, in the limits between work and leisure. Good humor and jokes expressed in their behaviors appear as a counterpoint to working conditions, in which they carry weights, often under a scorching sun. This work of course completion aims, finally, to approach the knowledge of the more specific areas of the anthropology of the child, urban anthropology and visual anthropology. In this sense, the assembly of an ethnographic video accompanied the elaboration of this monograph, as part corresponding to one of the chapters.

Keywords: Anthropology of the Child. Visual anthropology. Free fair. Child labor. Rio Tinto.

LISTA DE SIGLAS

ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
OIT	- Organização Internacional do Trabalho
PB	- Paraíba
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
UFPB	- Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Placa da Inauguração do Mercado Público de Rio Tinto-PB.....	19
Figura 2	- Local Beco (utilizado pelo grupo de meninos que moram no centro do município).....	21
Figura 3	- Local Sombra: na parte de cima (utilizado pelo grupo da Zona Rural do município).....	22
Figura 4	- Local Sombra: no centro (utilizado pelo grupo de meninos da Aldeia Monte-Mor).....	23
Figura 5	- Local Sombra: parte de baixo (utilizado pelo grupo da comunidade de Salema).....	23
Figura 6	- Sociabilidade (bater com a mão na cabeça do colega, brincadeira muito utilizada).....	25
Figura 7	- Carros de mão encostados na parede em ordem, ao lado feirantes	27
Figura 8	- Imagem capturada por um dos fretistas, logo atrás dos garotos dois feirantes.....	30
Figura 9	- Imagens capturadas pelos próprios fretistas usando a câmera do pesquisador em momentos de descontração.....	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	POR DENTRO DO MERCADO: APONTAMENTOS TEORICOS- METODOLÓGICOS.....	15
3	ETNOGRAFIA COM MENINOS FRETISTAS.....	21
4	O VIDEO COM UM FRETISTA.....	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS.....	40
	APÊNDICES.....	42

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é resultado de uma pesquisa de campo, que ocorreu durante um período de três anos (2015-2018). Aborda crianças e adolescentes que fazem frete com carro de mão na feira-livre de Rio Tinto, Paraíba. Trabalhei com crianças e adolescentes dos 10 aos 16 anos de idade, na tentativa de compreender sua experiência de trabalho naquele espaço ocupado pelos meninos no mercado público em dias de feira-livre. A pesquisa teve como objetivos discutir a possibilidade de métodos e técnicas de pesquisa usadas pela Antropologia da criança, assim como, mostrar sua resistência enquanto grupo dentro de um espaço com relevantes questões sociais, as quais vêm causando algum desconforto. Entre o poder judiciário e os fretistas¹, toda uma rede de relações é mobilizada. Emerge assim, uma discussão sobre o que é trabalho infantil no compreender das crianças, adolescentes e adultos que constituem a feira-livre de Rio Tinto. Bem como, procura-se entender a presença desses meninos em seu contexto cultural, considerando as relações estabelecidas entre feirantes² e fregueses³ que requisitam seus serviços de transporte até aos locais indicados.

Para a realização desta pesquisa tomei como objeto de investigação a feira-livre de Rio Tinto, contudo, a motivação para esta análise surgiu devido à observação realizada na área urbana do município de Rio Tinto na Paraíba, PB. Assim, em uma disciplina do curso de Antropologia observei uma imagem de um adolescente carregando uma feira em seu carro de mão. Recordei-me que já havia visto vários garotos na feira de Rio Tinto fazendo o mesmo transporte e, por essa razão, decidi visitar a feira nos sábados seguintes.

Com esta pesquisa pretendi, de maneira mais específica: identificar quem são os atores sociais e suas classes, e compreender como eles se reconhecem, como e onde ocorre sua sociabilidade; perceber os limites entre trabalho e lazer dentro da feira, além de analisar as características e as relações que são criadas para se construir a confiança entre os fretistas e fregueses; mostrar a visão dos adolescentes em relação ao trabalho que fazem, ouvir os feirantes e procurar saber deles o que seria da feira livre sem o frentista; explorar, ainda, os diversos sentidos de sua sociabilidade dentro do beco (local onde os adolescentes ficam à espera dos fregueses).

Além do mais, o estudo procurou: compreender, através dos subcampos da

Antropologia urbana e da Antropologia visual, as atitudes desses jovens enquanto trabalhadores; entender como se formam esses laços de amizade e confiança, entre eles e as pessoas que procuram seus serviços; e, além disso, entender os símbolos que relacionam sua identidade e sua linguagem. Outro objetivo foi mostrar a visão dos feirantes e microempresários que trabalham na feira. Saber o que eles achavam dos fretistas de carros de mão e identificar, desses pontos de vista, no que tange ao motivo destes adolescentes procurarem esse trabalho para conseguir sua renda semanal.

É de fundamental importância informar que meu guia nessa pesquisa etnográfica foi Paulo (13 anos), um dos adolescentes que trabalha junto aos grupos de garotos do beco. Irei andar com ele e mostrar suas experiências de trabalho como fretista de carro de mão em relação à feira. Foi através da convivência com ele que pude descobrir como se formam os ciclos de amizade estabelecidos entre eles (fretistas), seus fregueses e os comerciantes. Marcelinho também fez parte do filme produzido como parte da monografia.

Por outro lado, buscou-se entender como os adolescentes são acompanhados pelo Conselho tutelar e pela direção da feira-livre de Rio Tinto, Paraíba. Sendo assim, o Conselho Tutelar entrou em contato com famílias dos menores e propôs algumas recomendações para que os adolescentes permanecessem na feira, como por exemplo, estarem matriculados e frequentando a escola. Com isso, a pesquisa permitiu entender a complexidade dos problemas envolvidos nessa situação.

O presente trabalho empregou materiais e métodos de pesquisa convencionais dos estudos antropológicos, tais como: observação participante, entrevistas com crianças, adolescentes e adultos, caderno de campo, fotografias e filmagens.

É necessário desde já advertir o leitor de que existem quatro grupos de fretistas na feira-livre, vistos durante este trabalho. Frequentei principalmente o grupo que se localiza no espaço do beco, no qual meu principal interlocutor está inserido. Os capítulos seguintes apontam para os aspectos mais relevantes envolvidos no tema estudado, bem como descrevem a experiência etnográfica com os meninos, a qual foi elaborada também no vídeo que acompanha esse TCC.

¹ Fretista: nome usado localmente para designar os meninos que fazem “frete” com carrinho de mão para fregueses da feira livre.

² Feirante: pessoas que vendem seus produtos em feiras.

³ Fregueses: são clientes, consumidores, compradores.

2 POR DENTRO DO MERCADO: APONTAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Ser adulto e pesquisar criança foi um grande desafio, por isso minha aceitação foi difícil e longa entre as crianças e os adolescentes que transportam feira em carros de mão na feira-livre da cidade de Rio Tinto. Os próprios adultos estranhavam e questionavam achando aquilo fora do padrão de relações sociais comuns: adultos com adultos, crianças com crianças. Sobre isso, Flavia Pires (2007) discute em sua tese de doutorado sobre o lugar do pesquisador adulto na pesquisa com criança e sua metodologia usada no serviços religiosos, especificamente destinados às crianças.

De certa forma, como pesquisador teria de participar do cotidiano das crianças e adolescentes no espaço da feira, precisava contar com a aprovação dos meninos para que deixassem ficar não apenas como pesquisador em sua companhia, mas como se fosse quase como um deles.

Nesse sentido, Pires (2007) ressalta que:

Era preciso aproximar-me das crianças e, até certo ponto, “fazer-se me um” com eles; de outro, não poderia comportar-se excessivamente como criança, por correr o risco de perder a confiança de seus pais, comprometendo a própria pesquisa. (PIRES, 2007, p. 231, grifo da autora)

É preciso fazer-me um, ou em outra linguagem, era preciso me tornar um nativo, porém até certo ponto, por correr o risco de perder a confiança das famílias e das próprias crianças e adolescentes, porque, de fato, em consonância com o pensamento de Pires (2007), eu não estaria me comportando de acordo com o que é esperado de uma pessoa adulta.

A Antropologia surge no século XIX para compreender o homem e sua cultura. Nesse contexto, surge o antropólogo Malinowski, um dos fundadores da observação participante, a qual, tenho como base de minha pesquisa antropológica, em que utilizo o método etnográfico, como ferramenta para compreensão do meu trabalho de campo.

A partir da observação participante, foquei na Antropologia sociocultural, pois em seu escopo reúne algumas das principais teorias da cultura. Em razão disso, a Antropologia pode nos ensinar uma importante lição, que a nossa sociedade não é superior a qualquer outra, seja ela um grupo de crianças e adolescentes que

transportam feira em carro de mão ou um grupo de feirantes, que solicitam o serviço do transporte de suas feiras. Enfim, a Antropologia nos ensina a nos descentramos de nós mesmos, assim como de nossa própria sociedade e cultura. Isso é um exercício fantástico que nos abre as portas para novos universos, novas possibilidades e alternativas de aprendermos com os outros e de nos vermos através dos outros, conhecendo-nos mais profundamente. E também, ao mesmo tempo nos leva a ver com outros olhos o que nos é familiar. Afinal, como disse Sahlins (1979, p. 89), “O homem apreende o mundo a partir de esquemas simbólicos que ordenam o mundo, mas que jamais são os únicos possíveis”. Isso quer dizer que outros grupos podem organizar o mundo de forma diferente da nossa, e nesse sentido sempre lidamos com diferentes mundos possíveis. Como pesquisador e morador do município da investigação, senti um pouco de dificuldade de transformar o “exótico em familiar e o familiar em exótico” (VELHO, 2013), tendo em vista que, como morador do município e também frequentador da feira, já conhecia bem todo o território e espaços do Mercado.

No entanto, a ideia de tentar pôr-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares exigiu um mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo, tratando-se de um problema complexo, pois envolve a questão de distância social e distancia psicológica. Sobre isso, Da Mata já citou com propriedade a trajetória antropológica de transformar o “exótico em familiar e o familiar em exótico” (VELHO, 2013). Em conversa com as crianças e adolescentes pudemos perceber que sua definição de trabalho é totalmente diferente dos adultos. No compreender das crianças e adolescentes o que eles fazem é algo para ganhar seu dinheiro e que não estavam sendo pagos para trabalhar. Isso quer dizer que, para eles trabalho seria algo que eles estivessem fazendo com ordem de alguém, ou seja, estivessem sobre autoridade de um patrão.

Sobre esse fato, a antropóloga Flavia Pires (2007) exemplifica em sua tese de doutorado a experiência em entender a compreensão entre criança e adultos:

Para os adultos idosos, esse mal-assombros são almas de pessoas falecidas. Para as crianças, por sua vez, os mal-assombros são uma larga gama de seres e acontecimentos. Interessante notar que o modelo dos mal-assombros, altamente enfatizados pelos adultos e idosos, não o é pelas crianças. Isso se explica pelo fato de que, para os adultos e principalmente para os idosos, todos os mal-assombros são temíveis, uma vez que existe uma relação, a princípio inquestionável, entre eles e o diabo. Para as crianças, as coisas não se passam dessa maneira. (PIRES, 2007)

Nesse contexto, parece interessante refletir acerca das possíveis relações e interações existentes entre as crianças, adolescentes e adultos no tocante sobre o entendimento do trabalho infantil, podemos perceber que a concepção da criança e adolescente é diferente do adulto no compreender da relação social. Já existem várias discussões sobre o trabalho infantil dentro do contexto cultural, no qual meu objeto de pesquisa está inserido. Ao analisarmos o caso dos meninos fretistas na feira livre de Rio Tinto, descobrimos que eles são de famílias locais e que existem pessoas que ficam incomodadas com o trabalho deles. São visíveis na feira-livre do município de Rio Tinto, realizada aos sábados, crianças e adolescentes menores de 15 anos de idade, utilizando carros de mão para fazer transporte de produtos a pedido de adultos que faziam compras.

Em feiras-livres no interior do estado, não é difícil ver crianças e adolescentes recebendo dinheiro para transportar mercadorias. O sentido desse tipo de trabalho em termos daquilo que implica para a vida de crianças e adolescentes é algo que mereceria ainda maiores estudos. A própria definição do que é trabalho é bastante problemática. Embora não seja possível esgotar essa discussão no contexto desta monografia, algumas considerações gerais poderão auxiliar a perceber as dificuldades envolvidas. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2016):

O trabalho infantil é ilegal e priva crianças e adolescentes de uma infância normal, impedindo-os não só de frequentar a escola e estudar normalmente, mas também de desenvolver de maneira saudável todas as suas capacidades e habilidades. Antes de tudo, o trabalho infantil é uma grave violação dos direitos humanos e dos direitos e princípios fundamentais no trabalho, representando uma das principais antíteses do trabalho decente. (OIT, 2016)

Portanto, segundo a OIT (2016) nem todo trabalho exercido por criança deve ser classificado como trabalho infantil. O termo “trabalho infantil” é definido como o trabalho que priva as crianças de sua infância, de seu potencial e sua dignidade, e que é prejudicial ao seu desenvolvimento físico e mental.

A OIT (2016) se refere ao trabalho que:

- É mental, físico, social ou moralmente perigoso e prejudicial para as crianças;
- Interfere na sua escolarização;
- Priva as crianças da oportunidade de frequentar a escola;
- Obriga as crianças a abandonar a escola prematuramente; ou
- Exige que se combine frequência escolar com trabalho excessivamente longo

e pesado.

A Organização Internacional do Trabalho (2016) ressalta que para que um trabalho seja considerado “trabalho infantil”, é preciso avaliar uma série de fatores, como a idade da criança, o tipo e as horas de trabalho realizadas, bem como as condições em que é executado.

Considerado um marco histórico e legal na construção das políticas públicas capazes de fazer valer os direitos sociais da população infantil e juvenil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, Lei nº 8069/90, estabelece um novo parâmetro para compreender a infância e a adolescência. Assim, Siqueira (2012) ressalta que o ECA apresenta a visão da criança e do adolescente não como “objetos de tutela”, defendida pelo Código de Menores, com texto inicial em 1970 e revogado em 1990 pelo ECA, mas como “sujeitos de direitos e deveres” (art. 6 ECA). De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) é considerada criança a pessoa com idade inferior a 12 anos e adolescente aquela entre 12 a 18 anos de idade.

Segundo Clarice Conh (2005):

Precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista. É por isso que uma antropologia da criança é importante. Ela não é a única disciplina científica que elege esse objeto de estudo: a psicanálise tem lidado com essas questões há muito tempo, mas é aquela que, desde seu nascimento, se dedica a entender o ponto de vista daqueles sobre quem e com quem fala. (CONH, 2005, p. 8)

A Antropologia oferece uma metodologia de coleta de dados importante para repensar o conhecimento que temos do universo infanto-juvenil. Atualmente, diversos estudiosos das crianças, como Pires (2007) e Conh (2005), têm utilizado o método dessa área do saber conhecido por etnografia, entendendo ser esse o melhor meio de entendê-las em seus próprios termos, porque permite uma observação direta, delas e de seus afazeres. É uma compreensão, que se aproxima de seu ponto de vista, sobre o mundo em que se inserem, afirma Conh (2005).

O Mercado Público foi inaugurado em 23 de dezembro de 1985 e está localizado no centro do município de Rio Tinto, no Litoral Norte da Paraíba, como mostra a figura a seguir da placa de inauguração do Mercado.

Figura 1 - Placa da Inauguração do Mercado Público de Rio Tinto-PB



Fonte: Pesquisa direta (2018)

De modo geral, a feira é um ambiente público frequentado por diversos atores sociais, transformando em um rico espaço de sociabilidade e lazer por aqueles que a frequentam, tendo em vista que, a utilização do Mercado em dia de feira não é apenas para comercialização, e sim para construção de outras atividades. Concordo com Nascimento (2016), quando argumenta que a feira trata-se de um espaço público onde se desenvolve atividades econômicas, culturais e sociais. De acordo com essa autora (2016):

Ela acarreta, além do principal objetivo de compra e venda de mercadorias, inúmeras possibilidades de encontros entre aquelas pessoas que a frequentam [...] O calor, a alegria, a agitação, os sons, as cores, os cheiros e os gostos são características peculiares de uma Feira Livre e afetam todos aqueles que estão presentes neste ambiente. (NASCIMENTO, 2016, p. 8)

A feira-livre no Mercado Público acontece todos os sábados, mas toda preparação para o acontecer da feira começa na sexta-feira à noite. Nela, chegam uma boa parte de comerciantes informais locais e de outras localidades vizinhas que trabalham na venda de variados produtos. Os comerciantes chegam na sexta-feira à noite, começam a montar suas barracas, muitas delas são de madeiras e cobertas de lonas e outras ficam debaixo de galpões disponibilizados pela prefeitura, como por exemplo o galpão que fica a maioria dos comerciantes que vendem frutas e legumes, local agradável para proteger todos da chuva e do sol. Os feirantes de outras cidades além de montar suas barracas, conseguem um local para dormirem, muitos dormem em baixo das próprias barracas e outros dentro de seus veículos. Por volta das quatro horas da madrugada todos os feirantes se levantam para terminar de organizar suas barracas e mercadorias. Nesse momento de organização das mercadorias nas barracas pelos comerciantes, surge a figura do fretista de carrinho de mão. Na maioria

são crianças e adolescentes e alguns chegam muito cedo para fornecer seu serviço de transporte dos materiais para qualquer lugar na feira. Os comerciantes solicitam ao fretista para transportar mercadorias dos caminhões para as barracas, muitos deles já tem sua freguesia. Quando chega a madrugada já ficam no beco esperando os comerciantes irem buscá-los para seu auxílio no descarregamento. Muitos fregueses chegam antes do amanhecer o dia para pegar a melhor mercadoria e já solicitam o serviço do fretista para o transporte de sua feira até sua residência. Nessa situação, foram vistas algumas crianças e adolescentes, poucos adultos e apenas uma mulher, todos trabalhando como fretista de carrinho de mão na feira-livre de Rio Tinto. Outrossim, a feira continua aberta durante a semana ao público, embora não tão intensamente como no sábado pela manhã.

Observei, ao andar pela feira, que a mesma é dividida em várias partes. É como se não pudesse misturar os produtos que ali eram comercializados, tinha um local apenas para comercializar frutas, carne bovina, suína, aves, pescados e produtos em geral, tudo bem organizado e divididos em espaços diferentes. Além disso, ao redor do Mercado existem vários supermercados e lojas dos mais variados produtos. O período de observação foi bastante importante, pois me possibilitou como pesquisador, perceber a existências de pontos fixos de fretistas dentro do Mercado Público, no qual, os meninos ficavam esperando ser solicitados pelos clientes. São quatro pontos de espera dentro do Mercado, os quais, são divididos em dois espaços selecionados pelos próprios fretistas. Irei chamar de: Local do Sol (Beco) e Local da Sombra (debaixo do galpão). E os grupos de garotos são divididos da seguinte forma: um grupo fica no Beco e os outros três grupos debaixo do Galpão, que detalharei mais sobre esses espaços no capítulo seguinte.

Por isso, a importância de se manter em campo por um logo período, tanto para se construir uma relação mais natural com seu objeto pesquisado quanto para conseguir riquezas de detalhes. Antropólogos como Malinowski (1978) defendem a permanência em campo por um longo período para o pesquisador. Contudo, Oliveira (2006) traz uma valiosa reflexão em que não basta estar por um longo período observando em campo, sem ao menos ter seu olhar etnográfico preparado para as mais diversas situações, assim teremos que antes de tudo domesticar teoricamente nosso olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto já foi previamente alterado pela nossa visualização diz Oliveira (2006).

3 ETNOGRAFIA COM MENINOS FRETISTAS

Entre os anos de 2015 e 2018, visitei a feira por diversos sábados alternados, procurando chegar às 07h e sair às 13h, momento em que a feira estava acabando. Estive acompanhando esses adolescentes tentando compreender seus comportamentos diante daquele espaço, que para meus olhos era pequeno, mas para eles era seu território, seu espaço, seu lugar, seu pedaço, e uma maneira de dizer, nas categorias utilizadas por Magnani (2002), que aquele pedaço pertencia a eles, pois já frequentavam ali há bastante tempo. Por fim, suas identidades eram reconhecidas sem ao menos serem questionados se estavam certos ou errados pelo que praticavam. Eles quem determinavam seus horários de começo e fim, o quanto queriam ganhar naquele sábado ou o que iriam gastar para suprir suas necessidades, podendo ser em alimentos ou em compras de materiais de uso pessoal. Assim, na feira livre foi identificado dois locais e quatro grupos de fretistas:

a) LOCAL BECO - Local conhecido como beco da feira das frutas, nome dado pelos feirantes, motivo pelo qual todos vendem diversos tipos de frutas e legumes, mais ou menos uns quatro metros de largura por trinta de comprimento. Os muros que desenham o beco são paredes de estabelecimentos comerciais de alguns microempresários. Esse caminho era usado por quase todos os frequentadores da feira e ponto já conhecido para os fregueses buscarem os fretistas para o transporte de feira. Segundo os garotos, o beco era um local estratégico, já que, quase todos clientes passavam pelo local e assim solicitavam o frete, como vemos na figura 2 a seguir.

Figura 2 - Local Beco (utilizado pelo grupo de meninos que moram no centro do município)



Fonte: Pesquisa direta (2018)

Esse beco era utilizado por vários feirantes e clientes, tanto para comercialização quanto para passagem de um espaço para o outro, que sai da feira onde vende-se frutas e vai para o outro lado, no qual vende-se diversos alimentos e cereais. O sol escaldante castigava os carregadores de carro de mão das sete horas da manhã até as trezes horas da tarde, podendo assim causar algum dano à saúde dos mesmos, pelo motivo de nenhum usar algum tipo de protetor solar, ficando assim a grande exposição ao sol. Neste espaço ficavam uma base de 13 meninos que moram no centro do município.

b) LOCAL “SOMBRA” - Neste local há três grupos de fretistas de carro de mão, os quais, foram separados pela organização da feira por motivos de conflitos entre eles. O ambiente é mais agradável, pois há uma calçada para sentarem e há muita sombra, longe do sol escaldante. Os garotos vestiam-se todos do mesmo jeito, bermudas, camisas com manga curta e camiseta, alguns usavam boné, chinelos de cores variadas, bem propícios para o clima de calor fortíssimo. Apenas um garoto usava calça comprida, que ao ouvir sua conversa percebi que ele era evangélico. A maioria era da cor parda, poucos de cor branca, aparentemente de classe média baixa, de pouca escolaridade, e na maioria, solteiros. Esse espaço estava dividido em três grupos de meninos. Dessa forma, um grupo ficava mais acima do galpão, que eram os garotos da comunidade da zona rural de Taberaba e Boa vista, com cerca de 10 meninos, conforme mostra a figura 3 a seguir.

Figura 3 - Local Sombra: na parte de cima (utilizado pelo grupo da Zona Rural do município)



Fonte: Pesquisa direta (2018)

No meio do galpão ficava o grupo da Vila Regina, também conhecida por Aldeia Monte-Mor, como podemos observar na figura 4 que segue.

Figura 4 - Local Sombra: no centro (utilizado pelo grupo de meninos da Aldeia Monte-Mor)



Fonte: Pesquisa direta (2018)

E na parte de baixo do galpão ficava uma base de 6 meninos da comunidade de Salema, Rua do Gato e Passagem da Cobra, como podemos ver adiante na figura 5. Todos esses grupos são residentes da cidade de Rio Tinto.

Figura 5 - Local Sombra: parte de baixo (utilizado pelo grupo da comunidade de Salema)



Fonte: Pesquisa direta (2018)

Segundo relatos de um dos adolescentes, essa separação ocorreu por motivo de conflitos por espaços, em consequência de uma briga entre dois garotos, na qual um dos meninos puxou uma faca para furar o outro. Então, para evitar conflitos, a direção da feira decidiu separá-los, mesmo assim era nítido que alguns ainda continuavam frequentando o espaço do outro, por motivos de amizade. Nesse local debaixo do galpão também existiam alguns adultos, entretanto, a maioria eram crianças e adolescentes. A relação entre as crianças, adolescentes e adultos naquele espaço era quase nula, visto que não havia quase diálogo entre eles. Os adultos conversam com os adultos e os garotos entre eles, resultando em pouca sociabilidade entre ambos. Alguns carros de mão eram bem acabados, alguns com uma enorme

parte cheia de ferrugens e pneus carecas, outro que o suporte que segura a caçamba do carro era feito de madeira, enquanto que o da maioria era feito de ferro. Por ser um carro de mão velho, fazia um enorme barulho causado pela falta de graxa no eixo da roda, um barulho notável no meio da feira, chamando atenção dos feirantes e clientes que ali passavam.

Através da observação participante, seguindo as ideias de Malinowski (1978), consegui perceber riquezas de detalhes entre os símbolos e suas linguagens, porque a comunicação entre eles surgiam em diversas formas. Uma das linguagens se deu através de um gesto com a mão de longe fazendo aceno, balançando de forma negativa, como se estivesse dizendo que ele não iria levar aquele frete, através de um olhar, de um assovio, de gesto facial negativo. Assim, em um dos meus primeiros dias de campo, vi uma cena que me impressionou bastante entre eles. Em um determinado momento, chegou um velhinho e chamou um dos meninos para levar sua feira e o mesmo disse que não poderia ir por motivo que já iria levar a feira de outra pessoa. O velhinho perguntou ao outro menino se ele poderia ir o mesmo também falou que não iria. Foi nesse momento que percebi que o garoto que teria negado antes estava olhando para o outro garoto de forma estranha e assim foi a reação de todos aqueles a quem o velhinho perguntava. O garoto ficava olhando para todos continuamente com aquela expressão facial negativa, terminando que, nenhum levou a feira desse velhinho. Fiquei me perguntando o porquê daquela expressão negativa do olhar em que todos entendiam que não era para levar a feira. Então, perguntei por que eles não queriam levar a feira dele, se eles já estavam ali há algum tempo e não havia aparecido ninguém solicitando eles. Em resposta, ele me disse que não era nada, só que eles não queriam levar a feira dele. No entanto, alguns dias de campo mais tarde descobri que aquele olhar e a expressão da face negativa eram de rejeição à pessoa do velhinho, por motivo que aquele primeiro garoto que ele tinha chamado já teria carregado a feira dele uma vez e o mesmo não teria pago o combinado no valor de três reais e na hora da entrega só teria pago dois reais, então esse cliente para eles não era bom e por isso eles não levaram mais a sua feira.

Também existia um tipo de linguagem usada pelos clientes quando chegam à procura do serviço do frentista. Assim vários gestos e sons começam a aparecer nesse momento, tais quais: um gesto com a mão de longe, um grito tipo “Ei, bora!”. Era interessante que algumas crianças adolescentes já tinha clientes certos que vinham a procura deles. Observei um cliente do sexo feminino que chegou no beco e

perguntou: “- Daniel veio hoje? cadê ele?” E um dos adolescentes falou que o Daniel já teria saído com outra pessoa. Ela só agradeceu e saiu. Imaginei que ela iria chamar outro, já que, ali se encontravam vários meninos, mas não, apenas falou que depois voltaria.

É importante destacar que, existem uma gama de significados para todos que a frequentam as feiras-livres, porque, para muitos, não é apenas um dia de fazer feira, mas também podendo ser um dia de interações vivenciadas pelos atores sociais. Conforme descreve Gonsalves (2013), as feiras-livres agregam sentimentos, significados e hábitos engendrados no “bate-papo e na conversa-fiada” entre aqueles que a frequenta. De acordo com Viviane Vedana (2004), as feiras são espaços comerciais e sócias de grande importância e:

[...] por meio das diversas maneiras de “fazer a feira” – atos, gestos, performances corporais, movimentos e dizeres, formas de agir e se relacionar – fomentadas por feirantes e fregueses, ergue-se uma rede de sociabilidade vivenciadas pelos atores sociais no âmbito desse territórios construídos e reconstruídos. (VEDANA, 2004)

Os laços estabelecidos entre o feirante, fregueses e fretista de carro de mão formula a dinâmica e construção das relações interpessoais, transformando o mercado em uma rede de sociabilidade recíproca. Por isso, comecei a observar os tipos de brincadeiras utilizadas pelo grupo de meninos fretistas que ficavam no Beco. Havia muito xingamento e tapa na cabeça do outro. Eles também jogavam objetos, frutas estragadas, e faziam bastante gritaria em forma de algazarra, deixando vários feirantes e clientes furiosos. Em alguns momentos escutei eles dizendo: “- Parece um monte de meninos de rua. Parece que não têm pai e nem mãe. Que coisa feia! Era bom de proibir eles ficarem aí”. Podemos ver essas brincadeiras na figura 6 a seguir.

Figura 6 - Sociabilidade (bater com a mão na cabeça do colega, brincadeira muito utilizada)



Fonte: Pesquisa direta (2018)

Um caso me chamou a atenção entre essas brincadeiras, um garoto tomou sorvete e colocou o copo sujo nas costas de um que estava sentado em seu carro de mão e quando o mesmo foi se deitar, percebeu que estava todo lambuzado de resto de sorvete, foi aí que começou uma pequena discussão na qual o que estava sujo acusou outro jovem de ter feito aquilo com ele. O acusado correu atrás dele para dar um soco, mas o garoto foi rápido e correu deixando para trás seu carro de mão. O garoto que acusou começou a bater no carro de mão dele e o outro menino que estava bem longe começou a gritar para ele parar, porque depois iria fazer o mesmo com ele. O garoto continuava a chutar e dar tapas na lateral do carro de mão. Com o tempo, o clima foi se acalmando e os dois começaram a ficar juntos e brincar novamente como se nada estivesse acontecido.

Em meio as brincadeiras também havia o momento em que eles apareciam com objetos para trocar e vender. Em várias ocasiões foi possível enxergar eles trocando ou vendendo relógios, peças de bicicletas e materiais de esporte.

Eram cerca de 13 garotos que ficavam no espaço do Beco. Em conversas com os meninos ouvir alguns garotos falando suas idades e dias de aniversários, uma boa parte do meninos dizia ter 13 anos, outros 10, 11 anos e por fim 16 anos. Então percebi que aquele grupo de fretista era composto por meninos entre 10 e 16 anos de idade, todos residentes no centro do município de estudo. Além disso, pela convivência com os meninos, percebi que eram de famílias de classe média baixa, em virtude de que, como morador da cidade, já conhecia alguns deles, o que facilitou um pouco minha inserção no campo de pesquisa. Ao questioná-los o valor cobrado pelo frete, foi respondido o seguinte: “- O valor vai depender do lugar onde vamos levar. O mais perto é 3 reais. O mais longe pode ser 5 ou mais, vai depender da distância”.

Fiquei bastante impressionado com o jeito que eles se comportavam uns com os outros. Falo no tocante ao se preocuparem com o amigo do lado, o quanto ele já tinha apurado até aquele momento. O tempo todo observei eles perguntando um para o outro: “- E aí? Já apurasse quanto?”. Um dizia: “- Apurei 15 reais! E você?”. Ele respondia: “- Apurei 8 reais!”. Nesse momento, o garoto que possuiria os 15 reais tentava ajudá-lo a pegar frete. Quando chegava algum cliente, mandava o garoto que ganhou 8 reais ir na frente dele só para não deixar ganhar menos que outros.

Sem contar que esses fretistas consumiam muitos alimentos e refrigerantes, gerando renda para a própria feira e feirantes. Em conversas, ouvi alguns casos que o motivo do qual muitos estavam ali, era para comprar roupas, bola de futebol, peças

de bicicleta e pagar suas contas. Marcelinho, um dos garotos me informou que seu motivo de estar ali era pagar a conta do WiFi de sua casa, para ele ter acesso às redes sociais. Muitos fretistas têm um limite de carregamento de frete e quando chega a recolher um certo valor o mesmo para de carregar e vai para casa. Na maioria das vezes, o valor estimado para ir embora feliz é 50 reais, isto é, se a feira for boa, quer dizer que teve muitos clientes solicitando o frete, que segundo Marcelinho, existem as conhecidas feiras boas e as feiras ruins, definindo-as assim:

a) Feira boa: quando a feira é no início do mês, momento em que os clientes recebem seus pagamentos, vêm fazer feira e, conseqüentemente, solicitam o serviço do frete.

b) Feira ruim: quando chove e/ou a feira é no fim do mês, e por essa razão, a feira fica bastante vazia.

Em uma manhã de sábado, já próximo de terminar a feira, um dos garotos ordenou que me retirasse, alegando que eu estava dando azar para ele, porque estava ali há muito tempo, mas não conseguia um cliente e a culpa era minha por estar ali parado perto deles. É interessante frisar que, o Beco estava em constante movimento de saída e chegada de novos fretistas, e assim alguns garotos não ficavam por muito tempo como fretistas, motivo este, que conseguiam outras coisas para fazer. Observei então o caso de um garoto novato no Beco, que chegou e começou a pegar frete e no terceiro sábado como fretista não compareceu. Descobrir que ele estava ajudando um feirante em sua banca de tempero no próprio Mercado. Neste contexto da ocupação do Beco, também haviam os feirantes novatos que sempre chegavam com seus produtos para serem comercializados, e em alguns momentos chegavam a invadir o pedaço no qual os garotos colocavam seus carros de mão, sempre encostados na parede, nunca deixavam no chão por completo, como mostra a figura 7 que segue.

Figura 7 - Carros de mão encostados na parede em ordem, ao lado feirantes



Fonte: Pesquisa direta (2018)

Em conversa com Joselito, conhecido popularmente como “Íto do sapato”, um dos comerciantes na área de esporte que fica próximo ao Beco onde os meninos ficam, perguntei sobre o que ele achava dos meninos que carregavam frete na feira, o mesmo me respondeu que a feira precisava deles, que ele não via uma feira-livre sem os meninos carregando a feira dos clientes. Ele também informou que os mesmos compravam fiado mercadorias, bolas de futebol, chuteiras entre outros utensílios. A confiança vinha dos pais que também já compravam a ele no passado. Ele ainda indagou o que seria dos idosos sem os meninos ajudando levar as feiras para as suas residências. Aproveitando o momento, fiz mais uma pergunta, se ele achava que aquela prática era trabalho infantil. O mesmo respondeu que não, porque eles não estavam sendo obrigados ao trabalho infantil, faziam aquilo por que gostavam.

A organização no Beco tinha uma certa regra, todos os carros de mão ficavam em fileiras encostados na parede do beco. Toda vez que um dos garotos que estavam no início do Beco saía com o seu cliente, outro garoto retirava seu carro de onde estava e colocava no lugar daquele que saiu. Os clientes, na maioria das vezes, eram conhecidos pelas famílias das crianças e dos adolescentes. Esses laços de afinidade com seus familiares e até mesmo com o próprio fretista resultava, até certo ponto, um grau de verdadeira confiança. Isso ocorria em situações presenciadas por mim, quando o cliente dizia: “- Leve a minha feira e deixe na cozinha, que daqui a pouco chego em casa”. Em outra ocasião, jamais um cliente diria isso com um fretista desconhecido que estaria chamando pela primeira vez.

Em um determinado sábado quando estava em campo, chegou um conhecido e me questionou o que estaria fazendo em pé no sol escaldante próximo aos meninos. Chamei ele um pouco para longe, mas sem perder os adolescentes de vista, e fui explicar o porquê de minha estadia naquele local da feira e naquela hora. O Alex, ao saber o meu motivo, ficou bem interessado também, e foi logo gritando: “- Quer saber de uma coisa, pode me perguntar, porque quando criança também já fui frentista!”. Nessa hora, dei várias gargalhadas, porque conheço ele desde criança e nunca vi ele trabalhando como fretista de carrinho de mão. Ele foi logo me explicando que não ficava com aqueles garotos, ele ficava trabalhando com um senhor em uma barraca de frutas, e seu carro de mão ficava ao lado da barraca. Os fregueses que conheciam o dono da barraca e pediam para ele guardar a feira, ao término pediam para o Alex, que já estava ali com um carro de mão, levar a feira até sua residência. E assim conseguiu alguns clientes que já estavam certas de todos os sábados pedirem para

ele levar a feira. Ele me falou que o custo da viagem variava dependendo da distância e muitos ainda pagavam um valor menor do que ele pedia. Neste momento, lembrei-me de quando os garotos negaram de levar a feira do velhinho, relato que mencionei anteriormente. Despedi-me de Alex, visto que já era 12 horas e já estava “morrendo de fome”. Depois, me dirigi a minha residência.

No caminho, decidi passar na lojinha de informática de um amigo e também aluno da Universidade no Campus IV, do curso de Antropologia, conhecido por Jaquisandro. Assim, falei para ele onde estive e com quem conversei. Ele foi logo falando: “- Oxi! Está aqui um antigo fretista de carrinho de mão”. Eu não aguentei, e comecei a dar várias gargalhadas e já fui logo dizendo: “- Pronto... todo mundo que vejo agora já foi frentista. E logo você que crescemos juntos e nunca te vi carregando feira de ninguém”. Jaquisandro explicou que seu pai tinha uma barraca de lanche na feira da fruta. Eles tinham um carro de mão que era utilizado no transporte dos produtos comercializados em sua barraca de lanche. Na época, existiam vários feirantes e fregueses que faziam lanche em sua barraca. Os clientes aproveitavam e pediam para guardar suas feiras na barraca enquanto eles terminavam de fazer as compras e assim que eles terminavam, solicitavam Jaquisandro para levar a feira em suas casas e muitas das vezes até ao ponto de ônibus, no caso quando o feirante era morador da zona rural e dependia do ônibus para ir embora. Foi então que percebi que seria a mesma situação do outro meu colega Alex e que também existia outra classe de fretista e que, portanto, não precisaria exatamente estar em um ponto específico para ser fretista. Através desses dois relatos e experiências vividas por eles podemos entender que em qualquer lugar e momento você pode ser um fretista de carro de mão através dos laços criados com os clientes.

Em virtude disso, concordo com France (1998) quando fala que para se construir um filme etnográfico exige-se uma longa experiência de campo, uma minuciosa preparação acompanhada, frequentemente, de mil dificuldades. Minha etnografia participante com os adolescentes na feira-livre de Rio Tinto, não foi nada fácil, pois a aceitação foi um tanto difícil, por ter uma idade diferenciada dos garotos e por não participar de seu cotidiano. Por ser adulto e pesquisar crianças e adolescentes foi um grande desafio, entretanto a Antropologia visual me propôs uma base teórica e estética em meu campo de pesquisa, tendo em vista que, através da imagem fotográfica e fílmica, consegui uma aceitação muito grande pelos fretistas de carro de mão e até como pesquisador na área visual me senti mais identificado com a formação da

habilitação na Antropologia visual. Por muitas vezes, eles me rejeitavam, escondiam algo que eu não pudesse ver ou ouvir, com troca de olhares e sinais negativos. Apesar de já conhecer alguns garotos, mesmo assim me sentia um pouco perdido entre eles. Existiam garotos que evitavam de ficar próximos dos locais onde estávamos. Foi então que decidi levar a câmera fotográfica comigo em um dos campos e a partir do momento que cheguei perto deles percebi que o clima de tensão já havia diminuído, pois vi em seus rostinhos e de olhos arregalados a curiosidade de saber o que tinha em uma das minhas mãos. Logo, os adolescentes estavam procurando o que era aquilo que eu carregava e, ao mostrar a câmera fotográfica, percebi que o clima mudou. Entretanto, o ato de fotografar em contextos etnográficos pode-se criar relações no processo da pesquisa, assim, é muito difícil fotografar em ambientes que não fazemos parte sem que estabeleça uma relação de confiança, conforme explica Caiuby (2014).

Sendo assim, até aqueles garotos que antes me evitava, já estavam mais próximos, procurando saber como usar a câmera. Nesse momento, lembrei-me da metodologia usada por Vincent Carelli no projeto “Vídeo nas aldeias” (2018), que buscou entregar a câmera filmadora e ensinar aos povos indígenas a documentar sua própria cultura. Repassei a câmera para Marcelinho que foi meu interlocutor nesta pesquisa e ensinei-o a usá-la, mostrando como utilizar o recurso de “zoom”. Iniciando uma aproximação coletiva, logo em seguida outros estavam pedindo para fazer uso da câmera, Foi um momento de grande agitação entre eles, e até os próprios feirantes que trabalhavam no local ficaram olhando sem entender o que estava acontecendo. Curiosos, se aproximavam dos meninos como se também quisessem sair na fotografia capturada por um dos fretistas, como vemos na figura 8 seguinte.

Figura 8 - Imagem capturada por um dos fretistas, logo atrás dos garotos dois feirantes



Fonte: Pesquisa direta (2018)

Ao analisar as primeiras imagens feitas por eles, foi nítido perceber a relação de amizade existente no grupo. Eles gostavam mais de capturar imagens de momento em coletivo de descontração ou focavam em rosto com o máximo de zoom, ficando assim várias imagens de expressões faciais e outros fazendo pose com algum colega ou em conjuntos, sempre demonstrando alegria de estar participando daquele momento, como mostra a figura 9.

Figura 9 - Imagens capturadas pelos próprios fretistas usando a câmera do pesquisador em momentos de descontração



Fonte: Pesquisa direta (2018)

Diante disso, percebi que a câmera me trouxe mais aproximação com os sujeitos da pesquisa. No sábado seguinte, fiz um teste, não levei a câmera, foi horrível, os garotos perguntaram logo pela câmera. Ao saber que não estava comigo, ficaram meio afastados novamente. Já no campo seguinte, levei a câmera novamente, com o intuito de filmá-los. Entretanto, infelizmente houve resistência para serem filmados e decidi não forçar. Esperei o momento certo, alguns garotos fizeram questão de serem fotografados, outros não. Por essa razão, ficava difícil fotografar eles, já que todos sempre estavam perto, e uns deixavam e outros não. Em um dado momento, aproveitando uma cliente que foi buscar um dos garotos para levar sua feira, pedi ao adolescente e também à solicitante do frete para segui-los e fazer minha primeira filmagem. Ao retornar, os garotos pediram a câmera para filmar a si mesmos. Não perdi tempo e entreguei a câmera a eles. Foi aquela farra, filmaram, fizeram poses, sorrisos estampados nos rostos. E sempre quando fotografavam ou filmavam, mostravam para o amigo fotografado e começavam a questionar se a imagem estava boa ou não.

A imersão da câmera no campo me propôs melhores resultados, tanto para coleta de dados quanto para acolhimento junto aos adolescentes. Sem contar que os feirantes que ficavam ao redor dos fretistas ficavam a todo momento olhando para mim com um olhar estranho, como se estivessem com medo, imaginavam que era algum fiscal ou coisa parecida. Em momentos, alguns chegavam e perguntavam o que eu estava fazendo ali, parado com uma câmera no peito.

No ano de 2017 foi o período mais difícil da pesquisa, pois haviam vários conflitos envolvendo a população e o poder judiciário de Rio Tinto, no que se referia ao trabalho infantil na feira-livre. A discussão que estava acontecendo era da seguinte forma: o Juiz da comarca havia solicitado ao Conselho Tutelar junto à Prefeitura que retirasse essas crianças e adolescentes da feira, visto que, pela Lei do Estatuto da Criança e Adolescentes (1990), é proibido o trabalho infantil. Por essa razão, começaram a surgir vários questionamentos por parte da população em diversos meios de comunicação, como rádios, redes sociais e em rodas de conversas, todos contra essa determinação judiciária.

Nesse período de conturbação, fiquei um pouco perturbado, porque os feirantes e clientes me olhavam estranho, principalmente as mães dos meninos, porque imaginavam-me como um fiscal ou um espião do judiciário. Em vários momentos as mães dos garotos me interrogavam o motivo de estar ali parado com uma câmera na mão. Em outros momentos observava elas chegando e chamando seus filhos e falavam em seus ouvidos sempre olhando para minha direção. Os garotos logo falavam que não tinha nada a ver, pois se tratava de um amigo que estava ali pesquisando e que era para a universidade. Dessa forma, sempre tentei chegar e explicar o motivo de minha presença ali como pesquisador e qual seria o uso da câmera, e que também não fazia parte de nenhuma fiscalização.

Mesmo com esses conflitos, continuei inserindo a câmera nos dias subsequentes, dado que, nas etnografias anteriores em campos, sem o uso da câmera, não foram bem sucedidas. A câmera me deixou mais próximo dos meninos e nossa relação como pesquisador e sujeitos pesquisados foi melhorando a cada sábado. Várias crianças e adolescentes ao me verem em ruas, praças ou em outros locais perguntavam quando iria voltar e se iria levar a câmera novamente. O interesse de poder usar a câmera e compartilhar com seus amiguinhos despertou uma aproximação em riquezas de conhecimento do espaço ocupado por eles e de sua sociabilidade enquanto grupo.

Em outra ocasião, chegando com a câmera, decidi pedir para filmá-los. A rejeição foi total, com algum tempo ali em pé com a câmera na mão começaram os sussurros entre eles: “- O homem quer filmar! Quem vai?”. Risos se espalhavam entre eles naquela animação. Um dizia: “- Só vou por 10 reais”. Outro dizia: “- Se for assim, eu vou também!”. Pensei várias vezes em oferecer o valor pedido pelos meninos, mas resolvi resistir e imaginei que iria conseguir pela conquista da amizade, seria assim que um antropólogo faria, e não seria ético do pesquisador pagar pela atuação da cena. Porém, o comércio sempre acontecia entre eles. Nesse sábado até o boné que eu estava usando eles queriam trocar por outro boné. Todos perguntando o valor, falei que foi 10 reais, e com isso todos ficaram rindo.

4 O VÍDEO COM UM FRETISTA

O vídeo que complementa este TCC foi realizado na feira-livre do município Rio Tinto, localizado no Litoral Norte Paraibano. O filme fez uso de áudios das entrevistas com os meninos fretistas, feirantes, microempresários locais, clientes, das fotografias tomadas durante a pesquisa de campo entre 2015 e 2018 e das filmagens realizadas com um dos meninos ao levar uma feira até um cliente (ver apêndice com a coleção etnográfica dos materiais audiovisuais criados).

Dessa maneira, optamos inicialmente por colocar a voz de sujeitos adultos entrevistados na medida em que mostramos um pouco do universo da feira através de fotografias. Essa opção também auxiliou a contrastar os pontos de vista do universo adulto àqueles das crianças e adolescentes que aparecem nas imagens, os quais foram priorizados na segunda parte do filme. Em seguida, acompanhamos um dos meninos no seu percurso até a casa do cliente. Assim, o filme começou com a placa do mercado, como forma de apresentar o cenário onde o processo observado se desenrolou. Em seguida o Sr. Edmilson, diretor do Mercado Público, tratou da polêmica sobre os meninos que faziam o frete em face do Ministério do Trabalho que proíbe o trabalho infantil, enquanto as imagens fotográficas vão mostrando os diferentes grupos de meninos.

Durante as cenas filmadas, é possível perceber a interação entre o sujeito principal do filme e o cineasta, visto que é impossível evitar este contato direto com a cena. De acordo com France (1998):

O etnólogo cineasta participa sempre, de alguma maneira do processo observado, porque sua intervenção e a *auto-mise em Scène* própria as pessoas filmadas são inevitáveis [...] Reciprocamente, as pessoas filmadas participam do processo de observação porque intervêm na *mise em scène* do cineasta (FRANCE. 1998, p. 22)

O filme começou com uma cliente chamando Marcelinho (um dos meninos fretistas) para levar sua feira. O adolescente pegou seu carro de mão e seguiu sua freguesa entre o corredor do Beco até outra parte do Mercado, em que muitas falas e sons de foguetões e músicas se misturavam na imagem captada em um enquadramento de plano aberto, podendo assim, mostrar a riqueza de detalhes envolvidos nos lugares utilizados pelo fretista. Marcelinho para em frente a um "box", no qual estavam guardadas as mercadorias de sua cliente. Nesse momento,

Isabel sua freguesa, fez o pagamento de três reais pela viagem que seria feita até o local indicado. O adolescente seguiu sozinho caminhando com seu carro de mão em meio a feira tranquilamente. Nessa caminhada, novamente imagens de feirantes e fregueses se alternavam aos sons de conversas, foguetões e músicas tocadas em carrinhos de comerciantes de CDs e DVDs. Marcelinho continuou sua caminhada empurrando seu carro de mão e passando por toda feira. Imagens se misturavam durante o percurso: pessoas, barracas com as mais diversas mercadorias, box e mercadorias no chão. Ele seguiu cruzando ruas e seguindo rente a um grande muro de uma residência, que ao final desse muro, se encontrava a residência de sua cliente. Neste trajeto, usei cenas iniciais seguindo-o por trás, mostrando o caminho que seria percorrido. Logo após, mudei para uma cena frontal também no plano aberto para termos uma visão mais ampla da dimensão do contexto urbano utilizado pelos meninos do frete. Antes da chegada à residência, cenas se alternavam para mostrar, em vários planos, a chegada ao local indicado pela cliente. Marcelinho abriu o portão, entrou e deixou a feira no terraço da casa. Ao sair e fechar o portão, chegou Isabel, sua cliente.

O adolescente pegou o seu carro de mão e caminhou em direção à feira novamente. No caminho aconteceu uma conversa entre pesquisador e pesquisado. Mais adiante, chegou uma criança que também fazia parte do espaço do Beco e já teria deixado seu carro de mão em sua casa. Essa criança estava seguindo rumo ao Beco para ficar conversando e brincando, a mesma não aparece na cena, apenas sua voz me perguntando se estaria filmando ali. Respondi que sim e expliquei o motivo.

Um primeiro encontro com dois amigos também fretistas aconteceu já próximo a feira. Marcelinho os questionou perguntando se eles já estariam indo embora para casa. Eles responderam que sim. Nesse ponto, mais uma vez surgiu outra conversa entre pesquisador e pesquisado com tom de brincadeira. A criança fretista, que antes fez a pergunta se estaria filmando, acompanha Marcelinho na volta à feira. Num segundo, encontrei com outro fretista, eles conversam sobre um relógio que o amigo fretista iria ganhar de um amigo. Logo após continuou a caminhada, chegando novamente no Beco para aguardar o próximo cliente. Nesse cenário, feirantes interagem com a câmera, dizendo: “- Olha a foto ai, gente!”. Na cena final apareceram meninos brincando e a chegada de outro fretista.

O filme foi montado no laboratório Arandu, localizado no Campus IV da UFPB em Rio Tinto, num computador Macintosh usando o programa Final cut Pro 7.0. A

edição aconteceu em diversas sessões, que resultou no produto final desta pesquisa.

A experiência nesta produção fílmica me proporcionou aprender com meus erros, considerando as dificuldades enfrentadas no que diz respeito ao comportamento diante das situações criadas dentro do campo de pesquisa. E na Antropologia visual, compreendi a importância da fotografia e do vídeo que vêm conquistando novos domínios, transformando a imagem em fonte reveladora do conhecimento antropológico, como afirma Campos (1996). Ainda de acordo com esse autor:

Desde que a imagem vem sendo incorporada aos métodos de registro, percebe-se a possibilidade de uma conjugação de olhares, em que a memória pode recompor com maior amplitude a realidade observada a partir da combinação das várias formas de registros (CAMPOS, 1996, p. 281)

A imagem fotográfica e fílmica é cada vez mais utilizada pelos pesquisadores. Enquanto complemento do trabalho escrito, segundo Godolphim (1995), a imagem não meramente ilustra o texto, nem o texto apenas explica a imagem, ambos se complementam, concorrem para propiciar uma reflexão sobre os temas em questão. Mostra-se relevante sobretudo para o conhecimento do leitor, no que se refere às possibilidades de analisar as imagens do grupo pesquisado. De acordo Costa (2010), conviver com o outro, descobrir o distante, estabelecer relações com o desconhecido tem seus custos – exige disposição, curiosidade, visão treinada e método.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste trabalho me permitiu formar um novo olhar sobre esses indivíduos que observei, não apenas no espaço da feira, mas também nos percursos seguidos e na busca por definir o objetivo desta investigação, desde as primeiras observações participantes na feira-livre no Mercado Público em Rio Tinto, até as reflexões dos autores abordados durante o estudo.

Ao longo trajeto que percorri como aluno do curso de Bacharelado em Antropologia, pude desenvolver algumas percepções que antes não possuía, como de se inserir no campo de pesquisa sem tentar usar minhas ideologias e críticas já estabelecidas. E assim, deixar o campo me mostrar, nas suas mais diversas possibilidades, as complexidades contextuais sócio culturais do grupo pesquisado.

As dificuldades de se conseguir acesso ao grupo de fretistas crianças e adolescentes, de conversar com pessoas que não eram do meu convívio pessoal, de frequentar um lugar antes desconhecido, de chegar com uma câmera na mão em um contexto de potenciais conflitos entre garotos e autoridades do poder judiciário, foram todos motivos para diversas vezes pensar em desistir ou trocar de tema e grupo. Percebi, contudo, que era necessário seguir com o aprendizado iniciado, que deveria vencer os obstáculos, lidar com diversas inquietações e novos desafios, de modo a me deixar levar pelo campo pesquisado e concluir o trabalho começado.

A Antropologia da criança nos ensina a rever e a reaprender com as dificuldades a nossa metodologia de pesquisar crianças. Dessa forma, de acordo com Cohn (1995):

É como se as dificuldades fossem simetricamente opostas: se ao se transportar a outros mundos e culturas o antropólogo tem que reaprender tudo, do modo de se sentar à mesa ao valor definidor da humanidade, aquele que pesquisa em suas vizinhanças tem de evitar a ilusão do conhecimento prévio, do pré-conhecido. Para um, tudo é estranho e deve ser aprendido e apreendido de modo amplo para começar a fazer sentido; para outro, tudo parece normal e conhecido, e ele deve ser capaz de rever e re-aprender o que lhe parece tão natural. (CONH, 1995. p. 50)

Como mencionado, Conh (1995) relata que são muitas as especialidades acadêmicas e científicas que têm refletido sobre a criança, sobre a infância e sobre as suas ações e interações. Nesse sentido, segundo Pires (2007), crianças e adultos comportam-se de maneira diferentes e respondem de maneiras igualmente diferentes

aos diversos métodos e técnicas.

Observei o quanto as crianças fretistas eram estigmatizadas pelo seu trabalho diante daquela multidão de pessoas que movimentavam a feira. Ao mesmo tempo, vejo eles fazendo parte diretamente da economia da própria feira, ao trocarem objetos, lanches, entre outros itens, como se fossem complementos um do outro.

Embora existiam pessoas na feira que se incomodavam com o espaço que eles ocupavam e com as piadas que eles faziam, entendi, a partir da Antropologia, que essas piadas, essa maneira de brincar eram formas de sociabilidade. A experiência deles ali na feira pôde ser vista, sob este aspecto, como algo positivo, quer dizer, que agrega à existência deles enquanto grupo, através de laços de solidariedade e amizade que tendem a permanecer como referência por mais que eles brigassem e mantivessem relações de competição.

Em conversas com clientes e comerciantes locais foi possível compreender as necessidades dos meninos fretistas na feira-livre, principalmente no carregamento de feiras de idosos, os quais não possuíam força suficiente para levar suas mercadorias até as suas residências. Os conflitos existentes entre garotos e adultos, o conflito intergeracional, faz parte do cotidiano desses jovens e ajudam a compreender suas relações sociais como parte de uma rede mais ampla envolvendo suas famílias e as autoridades locais, como por exemplo, o grupo que forma o Conselho Tutelar.

Cabe ressaltar, enfim, que o uso da máquina fotográfica me proporcionou resultados relevantes no processo do desenrolar da pesquisa. Sobre esse fato, Pires (2007) indica que o recurso das fotografias permite um tipo específico de acesso (parcial) ao mundo infantil, na medida em que é possível tomar conhecimento daquilo que, dentre tudo o que está à sua volta, é considerado pela criança como o mais importante e bonito. Segundo Pires (2007):

Tirar foto é como uma brincadeira especial. As crianças tomam contato com um equipamento alheio a seu cotidiano, o que torna a atividade bastante atrativa. O único inconveniente da técnica é o custo elevado das revelações, das ampliações e, principalmente, das câmeras fotográficas, que correm o risco de serem danificadas. (PIRES, 2007, p. 248)

Contudo, este campo de pesquisa necessitará certamente de mais aprofundamento. Nossa pesquisa com os meninos fretistas contribuiu para mostrar um universo ainda pouco conhecido, o qual está aberto para pesquisadores com novas temáticas e possibilidades metodológicas. Talvez o futuro da Antropologia

dependa também de considerar, com maior atenção, a necessidade de pesquisar e aprender com as experiências concretas de crianças e adolescentes em espaços do seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, Maria D. Fatima Pereira. **Crianças e Adolescentes trabalhando?** Uma alternativa de sobrevivência que atravessa gerações. Joao Pessoa, Editora Universitária, 2007.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Planalto, 1990.

_____. **Código de Menores**. Brasília: Planalto, 1979.

CARELLI, Vincent. Projeto Vídeo nas aldeias. Disponível em: <<http://videonasaldeias.org.br/loja/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. *In: Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], Vol. 3, N.2, 2014.

CAMPOS, S.M.C.T.L. A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de Antropologia Visual. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 6: 275-286, 1996.

CONH, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2015.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Imagem e etnografia: a busca constante do Outro**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

FRANCE, Claudine de. **Cinema e Antropologia**. Tradução: Március Freire, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

GODOLPHIM, Nuno. **A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica**. Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

GONSALVES, Alexandre Oviedo; ABDALA, Mônica Chaves. **“Na banca do ‘seu’ Pedro é tudo mas gostoso”** personalidade e sociabilidade da feira-livre, Ponto Urbe[Online]; 12 | 2013, posto online no dia 13 junho 2013. Disponível em: <<http://pontourbe.reveus.org/528>>; DOI: 10.4000/pontourbe.528. Acesso em: 07 jun. 2017.

MACHADO, Daniely D. Penha Rodrigues. **Crianças e adolescentes x trabalho infantil na feira livre de Santo Antônio em Vitória/ES**. Vitória/ES, julho 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo. 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: objeto, método e alcance desta investigação. *In: Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos da nova Guiné – Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NASCIMENTO, Walkiria do. **Dia de Feira**: um estudo sobre sociabilidade e modos de fazer entre feirantes na Feira Livre de Itapororoca-PB. Monografia apresentada ao Curso de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. Rio Tinto, PB: UFPB, 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 2006.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Trabalho infantil**. Brasília [2016?] Disponível em: <<https://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-infantil/lang-pt/index.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Rev. Antropol.** [online]. 2007, vol.50, n.1, pp.225-270. ISSN 0034-7701. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012007000100006&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 20 nov. 2018.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**: Rio de Janeiro. Zahar, 1979.

SIQUEIRA, Aline Cardoso. **A garantia ao direito à convivência familiar e comunitária em foco**. Estudos de Psicologia 29: 3, 437-444. Campinas, SP: 2012.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Disponível em: <<https://climatologiageografica.com/introducao-antropologia/>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

VENDANA, Viviane. **“Fazer a feira”**: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da feira livre da Epatur no Contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2004.

_____. **“Fazer a feira e ser feirante**: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano” Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

APÊNDICE - Tabela de decupagem e organização de dados em áudio e vídeo

Tipo de Plano (quando vídeo)/duração/data/localização digital	Imagens/local	Som/Paisagem Sonora
Tomadas de vídeo:		
Plano geral/5'19"/mvi-9825.mov/ Mai 27 2017/pasta imagem de tcc claudionor/ hd arandu samsung	Meninos esperam encostados na parede (caminho da feira)	Meninos conversando/ barulho da feira
Plano aberto/fechado/ 50"/mvi-9826-mov/Jun 9 2017/pasta imagem de tcc claudionor/ hd arandu samsung	Meninos esperam encostados na parede (no beco da feira)	Meninos conversando/ barulho da feira
Plano Aberto/fechado/ 1'03"/mvi_9827.mov/Ago 4 2017/ pasta imagem de tcc claudionor/ hd arandu samsung	Marcelinho pega a câmera e sai filmando os colegas fretistas	Meninos coversando/ barulho da feira
Plano aberto/fechado/0'37"/mvi_9865.mov/ Jun 9 2017/ pasta imagem de tcc claudionor/ hd arandu samsung	Menino sai com a câmera filmando outros colegas fretista no beco da feira	Meninos conversando/ baruho da feira
Plano fechado/0'05"/mvi_9866.mov/Ago 4 2017/ pasta imagem de tcc claudionor/ hd arandu samsung	Claudionor segurando a câmera com direção para o chão	Voz de marcelinho/claudi onor/ barulho da feira
Plano geral/5'03"/ mvi_9867.mov/ Jun 9 2017/ pasta imagem de tcc claudionor/ hd arandu samsung	Marcelinho levando uma feira de uma solicitante da saída do beco ate próximo a casa da solicitante conhecida por Bel, perto do supermercado do Sr. Augusto Rodrigues (primeira parte)	barulho da feira
Plano aberto/ 0'23"/mvi_9868.mov/ Jun 9 2017/ pasta imagem de tcc claudionor/ hd arandu samsung	Marcelinho passando por um veiculo, continuando o transporte da feira de Bel até sua residencia. (segunda parte)	Barulho de pássaros, buzina, passos de marcelinho levando a feira
Plano Aberto/ 1'42"/	Marcelinho chegando na	Som de passos, som
mvi_9869.mov/ Jun 9 2017/ pasta imagem de tcc claudionor/ hd arandu samsung	casa de Bel para deixar a feira (terceira parte)	ambiente,

Plano aberto/3'43"/ mvi_9870.mov/ Jun 9 2017/ pasta imagem de tcc claudionor/ hd arandu samsung	Marcelinho saindo da casa de Bel ate a pracinha do mercado público, encontro entre marcelinho e outros fretistas no caminho de volta (quarta parte)	Conversas entre Claudionor e Marcelinho e outros fretistas
Plano Aberto/ 1'47"/ mvi_9871.mov/Jun 9 2017/ pasta imagem de tcc claudionor/ hd arandu samsung	Marcelinho chegando no beco	Meninos conversando/ barulho da feira
Plano Geral/aberto/ 1'27"/mvi_9872.mov/ Jun 9 2017/ pasta imagem de tcc claudionor/ hd arandu samsung	Imagem do beco e sociabilidade dos fretistas	Meninos conversando/ barulho da feira
Plano aberto/fechado/ 4'58"/ mvi_9882.mov/Jun 3 2017/ pasta imagem de tcc claudionor/ hd arandu samsung	Entrevista com Edmilson e Joselito (diretor do mercado, dono de loja de sapato)	Conversa entre Edmilson e Joselito/ barulho da feira
Plano fechado/4'27"/ mvi_9883.mov/Jun 3 2017/ pasta imagem de tcc claudionor/ hd arandu samsung	Fala de Joselito (Ito do sapato) fala sobre o mercado e sobre os fretistas	Fala de Joselito (Ito)
Plano fechado/6'04"/ mvi_9891.mov/22-07- 2017/pasta imagem de tcc claudionor/ sub-pasta entrevista com o diretor da feira 22-07- 17/hd arandu samsung	Entrevista com Edmilson (diretor do Mercado Público de Rio Tinto)	Fala de Edmilson/ barulho da feira
Duração total: 37'28"	-	-
Tomadas de áudio:		
Audio/1'56"/ 17072201.MP3/ 22-07-2017 (não tem video, o cartão tava com problema) pasta imagem de tcc claudionor/ sub-pasta entrevista com o diretor da feira 22-07-17/hd arandu samsung	Entrevista apenas o inicio com Edmilson (diretor do Mercado Público)	Fala de Edmilson (problema na câmera, foi parado no inicio)

Audio/ 6'09"/ 17072203.MP3/ 22-07-2017 (vinculado com o video mvi_9891.mov/ pasta imagem de tcc claudionor/ sub-pasta entrevista com o diretor da feira 22-07-17/hd arandu samsung	Entrevista completa com Edmilson (diretor do Mercado Público)	Fala de Edmilson
Audio/8'42"/ Rádio 001.m4ª/ Jul 12 2017/imagens do tcc claudionor/entrevista com o Juiz da cidade de rio tinto dr. Judson/hd arandu samsung	Entrevista com o Juiz da cidade de Rio Tinto sobre os fretista na Rádio Interação FM	Fala do Juiz Dr. Judson (não não muito nitido). Áudio gravado pelo celular atrás do aplicativo da rádio local
Audio/ 0'29"/ Rádio 002.m4ª/Jul 12 2017/imagens do tcc claudionor/entrevista com o Juiz da cidade de rio tinto dr. Judson/hd arandu samsung	Entrevista com o Juiz da cidade de Rio Tinto sobre os fretista na Rádio Interação FM	Fala do Juiz Dr. Judson (não não muito nitido) Áudio gravado pelo celular atras do aplicativo da rádio local
Audio/ 9'33"/ Rádio 004.m4ª/Jul 24 2017/ imagens do tcc claudionor/entrevista com o Juiz da cidade de rio tinto dr. Judson/hd arandu samsung	Entrevista com o Juiz da cidade de Rio Tinto sobre os fretista na radio interação FM	Fala do Juiz Dr. Judson (e também de locutores da radio) Áudio gravado pelo celular atrás do aplicativo da radio local. Audio muito bom
Duração total: 26'49"		
Tomadas fotográficas:	Assunto resumido	OBS:
		-
7 fotos, 20150418_095052 grupo A, 20150418_095140 grupo A, 20150425_085251 grupo A, 20150425_091619, 20150425_091637, 20150425_091643, 20150425_095621/ pasta imagem de tcc claudionor/primeira saída a campo/hd arandu Samsung	Meninos sentados no carrinho de mão no beco	Câmera celular Samsung – SM-G3812B/ DATA:25/04/2015

<p>14 fotos. 20150418_095751 grupo B, 20150418_100207 grupo B, 20150418_100209 grupo B, 20150418_101509 grupo B, 20150418_101511 grupo B, 20150418_101515 grupo B, 20150418_101521 grupo B, 20150418_101527 grupo B, 20150418_101530 grupo B, 20150418_105346 grupo B, 20150418_105348 grupo B, 20150418_105436 grupo B, 20150418_105447 grupo B, 20150418_105449 grupo B/ imagem de tcc claudionor/primeira saída a campo/hd arandu Samsung</p>	<p>Imagens que aparecem adultos pegando frete</p>	<p>Câmera celular Samsung – SM-G3812B/ DATA:25/04/2015</p>
<p>1 foto. 20150418_100308 grupo B/imagem de tcc claudionor/primeira saída a campo/hd arandu Samsung</p>	<p>Menino de costa sentado no carro de mão e vários outros meninos mas adiante</p>	<p>Câmera celular Samsung – SM-G3812B/ DATA:25/04/2015</p>
<p>2 foto. 20150425_084256 grupo B, 20150425_084525 grupo B/ imagem de tcc claudionor/primeira saída a campo/hd arandu Samsung</p>	<p>Feirantes na frente dos meninos de carro de mão</p>	<p>Câmera celular Samsung – SM-G3812B/ DATA:25/04/2015</p>
<p>8 fotos, 20150425_084544 grupo B, 20150425_084547 grupo B, 20150425_085859 grupo B, 20150425_085901 grupo B, 20150425_091230, 20150425_091244, 20150425_091357, 20150425_091401/imagem de tcc claudionor/primeira saída a campo/hd arandu Samsung</p>	<p>Carros de mão em fila parados esperando clientes. Grupo B a sombra</p>	<p>Câmera celular Samsung – SM-G3812B/ DATA:25/04/2015</p>
<p>2 foto. 20150425_090643, 20150425_090645/ imagem de tcc claudionor/primeira saída a campo/hd arandu Samsung</p>	<p>Imagem do carro de mão no centro da imagem</p>	<p>Câmera celular Samsung – SM-G3812B/ DATA:25/04/2015</p>
<p>4 foto, 20150425_090704, 20150425_090711, 20150425_090719, 20150425_090720/ imagem de tcc claudionor/primeira</p>	<p>Cliente solicitando o serviço dos fretistas no local C sombra</p>	<p>Câmera celular Samsung – SM-G3812B/ DATA:25/04/2015</p>

saída a campo/hd arandu Samsung		
3 foto, 20150425_093215, 20161022_114851, 20161022_114921/ imagem de tcc claudionor/primeira saída a campo/hd arandu Samsung	Apenas carros de mão, onde eles ficam esperando os clientes	Câmera celular Samsung – SM-G3812B/ DATA:25/04/2015
6 foto, 20150425_093215/ 20150425_094129, 20150425_094139, 20150425_095339, 20150425_095515, 20150425_095544/ imagem de tcc claudionor/primeira saída a campo/hd arandu Samsung	Imagem de uma mulher sentada em um carro de mão e que estava pegando frete	Câmera celular Samsung – SM-G3812B/ DATA:25/04/2015
5 fotos. 20150425_095755, 20150425_095800, 20150425_095846, 20150425_095903, 20150425_095921/ imagem de tcc claudionor/primeira saída a campo/hd arandu Samsung	A mulher em pe perto do banco de verdura, ela também pega frente	Câmera celular Samsung – SM-G3812B/ DATA:25/04/2015
12 fotos. IMG_2581, IMG_2582, IMG_2583, IMG_2584, IMG_2585, IMG_2586, IMG_2587, IMG_2588, IMG_2589, IMG_2590, IMG_2591, IMG_2592/ imagem de tcc Claudionor/ fotos feira 29- 10- 2016 /hd arandu Samsung	Marcelinho levando uma feira com dois idosos	Canon. Canon EOS REBEL T3
1 foto. IMG_2593/ imagem de tcc Claudionor/ fotos feira 29-10-2016 /hd arandu Samsung	Carro de mão	Canon. Canon EOS REBEL T3
16 fotos, IMG_2594, IMG_2595, IMG_2596, IMG_2597, IMG_2598, IMG_2599, IMG_2601, IMG_2607, IMG_2608, IMG_2609, IMG_2612, IMG_2613, IMG_2614, IMG_2656, IMG_2657,	Meninos sentados em cima d carro de mão	Canon. Canon EOS REBEL T3

IMG_2663 / imagem de tcc Claudionor/ fotos feira 29- 10-2016 /hd arandu Samsung		
1 foto, IMG_2600/ imagem de tcc Claudionor/ fotos feira 29-10-2016 /hd arandu Samsung	Imagem do beco	Canon. Canon EOS REBEL T3
34 foto. IMG_2602, IMG_2603, IMG_2604, IMG_2605, IMG_2606, IMG_2610, IMG_2611, IMG_2615, IMG_2616, IMG_2622, IMG_2623, IMG_2628, IMG_2629, IMG_2630, IMG_2631, IMG_2632, IMG_2633, IMG_2636, IMG_2637, IMG_2638, IMG_2639, IMG_2640, IMG_2641, IMG_2649, IMG_2650, IMG_2651, IMG_2652, IMG_2653, IMG_2654, IMG_2655, IMG_2658, IMG_2659, IMG_2660, IMG_2661/ imagem de tcc Claudionor/ fotos feira 29- 10-2016 /hd arandu Samsung	Imagens dos rostos de alguns garotos.	Canon. Canon EOS REBEL T3
2 fotos. IMG_2617, IMG_2618/ imagem de tcc Claudionor/ fotos feira 29- 10-2016 /hd arandu Samsung	Meninos brincando	Canon. Canon EOS REBEL T3
1 foto. IMG_2621/ imagem de tcc Claudionor/ fotos feira 29-10-2016 /hd arandu Samsung	Imagem de Claudionor no campo	Canon. Canon EOS REBEL T3
3 foto. IMG_2624, IMG_2625, IMG_2627 / imagem de tcc Claudionor/ fotos feira 29-10-2016 /hd arandu Samsung	Meninos em pé no beco	Canon. Canon EOS REBEL T3
2 foto. IMG_2634, IMG_2635 / imagem de tcc Claudionor/ fotos feira 29- 10-2016 /hd arandu Samsung	Feirantes	Canon. Canon EOS REBEL T3

4 fotos. IMG_2642, IMG_2643, IMG_2644, IMG_2645/ imagem de tcc Claudionor/ fotos feira 29- 10-2016 /hd arandu Samsung	Meninos fazendo pose para foto com Claudionor	Canon. Canon EOS REBEL T3
3 fotos. IMG_2646, IMG_2647, IMG_2648/ imagem de tcc Claudionor/ fotos feira 29-10-2016 /hd arandu Samsung	Meninos fazendo pôse para fotografia	Canon. Canon EOS REBEL T3
2 fotos. IMG_9818.JPG, IMG_9819.JPG/ imagem de tcc Claudionor/ Fostos 27- 05-2017/hd arandu Samsung	Foto do chão e pneu do carro de mão	Canon. Canon EOS REBEL T3
3 fotos. IMG_9820.JPG, IMG_9821.JPG, IMG_9822.JPG/ imagem de tcc Claudionor/ Fostos 27- 05-2017/hd arandu Samsung	Meninos conversando em grupo	Canon. Canon EOS REBEL T3
13 fotos, IMG_9823.JPG, IMG_9824.JPG, IMG_9828.JPG, IMG_9832.JPG, IMG_9834.JPG, IMG_9835.JPG, IMG_9836.JPG, IMG_9837.JPG, IMG_9838.JPG, IMG_9839.JPG, IMG_9840.JPG, IMG_9841.JPG, IMG_9844.JPG / imagem de tcc Claudionor/ Fostos 27-05-2017/hd arandu Samsung	Meninos sentado no carro de mão no beco e brincando	Canon. Canon EOS REBEL T3
2 fotos. IMG_9831.JPG, IMG_9833.JPG/ magem de tcc Claudionor/ Fostos 27- 05-2017/hd arandu Samsung	Imagem do banco de verdura	Canon. Canon EOS REBEL T3
2 fotos. IMG_9842.JPG, IMG_9843.JPG/ magem de tcc Claudionor/ Fostos 27-	Dois adultos conversando no beco	Canon. Canon EOS REBEL T3

05-2017/hd arandu Samsung		
2 fotos. IMG_9845.JPG, IMG_9846.JPG/ magem de tcc Claudionor/ Fostos 27- 05-2017/hd arandu Samsung	Meninos negociando um relógio	Canon. Canon EOS REBEL T3
15 foto. IMG_9847.JPG, IMG_9849.JPG, IMG_9850.JPG, IMG_9851.JPG, IMG_9852.JPG, IMG_9853.JPG, IMG_9854.JPG, IMG_9857.JPG, IMG_9858.JPG, IMG_9859.JPG, IMG_9860.JPG, IMG_9861.JPG, IMG_9862.JPG, IMG_9863.JPG, IMG_9864.JPG/ magem de tcc Claudionor/ Fostos 27- 05-2017/hd arandu Samsung	Um plano fechado e aberto de alguns meninos	Canon. Canon EOS REBEL T3
1 foto. IMG_9848.JPG/ magem de tcc Claudionor/ Fostos 27- 05-2017/hd arandu Samsung	Menino fotografando o pesquisador em campo	Canon. Canon EOS REBEL T3
1 foto. IMG_9855.JPG/ magem de tcc Claudionor/ Fostos 27- 05-2017/hd arandu Samsung	Jovem feirante pasendo pôse para foto	Canon. Canon EOS REBEL T3
1 foto. IMG_9856.JPG/ magem de tcc Claudionor/ Fostos 27- 05-2017/hd arandu Samsung	Imagem da feira por outro angulo	Canon. Canon EOS REBEL T3
3 foto. IMG_9878.JPG, IMG_9879.JPG, IMG_9880.JPG/ magem de tcc Claudionor/ Fostos 27- 05-2017/hd arandu Samsung	Imagem da placa da fundação do Mercado Público	Canon. Canon EOS REBEL T3
Total = 176 fotos		